A Paciente

Terei de viver para sempre com a decisão que tomei.

Quando comecei a trabalhar no hospital psiquiátrico, não tinha intenções de deixar que o trabalho me afetasse. E consegui-o de forma notável durante sete meses — caminhei pelos corredores frios, onde o luar se perdia; e dei o meu melhor para ajudar a serenar as mentes perturbadas que ali vagueavam.

Pensava sempre na minha mãe, que adoeceu e perdeu a noção de quem era. Se não sabemos o que pensamos ou que memórias temos, estamos realmente vivos?

Na altura, era demasiado nova para a ajudar, demasiado nova para a visitar e enfrentar a frieza que a envolvia. Tentei calar os remorsos, à medida que crescia e aprendia a lidar com a ausência, sempre tão presente.

Agora, muitos anos depois e já formada em psicologia, não via a minha mãe nos pacientes que ajudava, mas sentia-a próxima de mim, orgulhosa do meu trabalho.

No entanto, sete meses após entrar no hospital psiquiátrico, conheci a paciente que mudaria tudo. Disse-me que se chamava Anna Grace, e que estaria ali para me ajudar.

— Como assim, Anna? — perguntei, intrigada, mas procurando deixá-la à vontade.

O quarto de Anna não era partilhado. Tinha um beliche confortável encostado à parede branca e uma janela com grades de ferro, de onde era possível ver o jardim. Havia ainda uma mesa, onde estávamos sentadas. Junto à porta, do lado de fora, estava um guarda fardado para impedir que Anna escapasse.

Ainda assim, pensei que isso era improvável. Aquela paciente parecia calma, ciente de si mesma. Vestia uma blusa branca e umas calças de ganga igualmente bem arranjadas. O colar de ouro condizia com o cabelo loiro, bonito e pelos ombros.

— Não acha que precisa de ajuda? — perguntou ela, as sobrancelhas levemente erguidas.

O tecto tinha uma só luz, cuja cor doentia me magoava os olhos. Baixei-os, fitando o caderno aberto sobre a mesa. As páginas estavam vazias. Ela tinha um caderno igual.

— Penso que precisamos todos — respondi. — Recorda-se do que a trouxe aqui, Anna?

Ela olhou para mim, inspirando o aroma dos lençóis recentemente trocados.

— Pergunta-me sempre isso, Caroline. Espera uma resposta diferente?

Não soube o que dizer, confusa com aquelas palavras. Era a primeira vez que a conhecia.

— Vim por sua causa — acrescentou ela, com um sorriso empático.

Normalmente, os pacientes não demonstram estar tão *presentes*. As suas mentes parecem pertencer a outro lugar, por vezes demasiado distante para se alcançar.

— Acredito que me queira dizer algo — arrisquei.

Os seus olhos abriram-se, as sobrancelhas erguidas. Antes de responder, olhou para a janela, por onde a noite espreitava. As gotas de chuva fustigavam o vidro.

— Na verdade, sim… — disse, num tom conspiratório. Inclinara o tronco na minha direção, as mãos pousadas sobre o caderno.

— O quê, Anna? — perguntei.

— Eu não matei o meu marido — respondeu, sincera.

Recuei o tronco, lentamente até sentir as costas duras da cadeira.

— Quanto mais depressa aceitar a verdade, mais depr…

— Eu não o matei — interrompeu-me, sem subir o tom de voz, mas falando de forma mais intensa. Segurou nas minhas mãos como se fôssemos amigas e o toque desarmou-me. — Tenho estado a pensar e sei quem o matou. Quando eu contar ao juiz vou ser libertada.

Olhou para mim, e depois para a porta, onde o guarda continuava a observar.

— Quem?

— Quando regressei a casa, encontrei-o morto — disse ela, quase num sussurro. Manteve as minhas mãos nas suas. — Nunca encontraram as minhas impressões digitais na arma.

— Na pistola — afirmei.

Folheei o caderno em busca da informação. Tinha a certeza que havia escrito ali algures os detalhes do crime que colocou Anna naquele hospital. No entanto, as páginas estavam todas vazias.

— Espere um pouco — pedi, erguendo-me.

Dirigi-me até à porta, mas a mesma estava trancada.

— Boa noite, desculpe! — chamei, após bater duas vezes no vidro. A porta tinha uma pequena janela que permitia ver para o interior.

O guarda aproximou-se.

— O que queres?

Estranhei o tom informal e quase rude com que me falara.

— Devo ter trazido o caderno errado — disse, forçando um sorriso simpático. — Este não tem nada escrito.

— Foram esses os cadernos que vos demos — retorquiu ele, impaciente. — Divirtam-se com eles. Já têm as roupas.

— Mas nem sequer tenho uma caneta. Como escreverei novas informações que ache pertinentes? — argumentei, abrindo os braços.

Ouvi um suspiro do outro lado.

— Caroline… Sabes muito bem que é contra as normas levar objetos afiados para dentro dos quartos.

Franzi as sobrancelhas.

— Sim, tem razão.

Afastei-me lentamente, mergulhada em confusão. Para quê dificultar tanto o meu trabalho? Nos primeiros sete meses, as coisas foram muito mais fáceis.

— Anna, parece que teremos de fazer isto *à antiga* — disse, tornando a sentar-me.

— Já podemos trocar? — perguntou ela, inclinando-se para a frente. A voz soou entusiasmada.

— Como assim? Estou aqui para ouvir a sua história.

Anna ficou frustrada com a minha resposta. Abanou a cabeça, apontando as mãos para o peito.

— Disseste que era a minha vez. Até vesti a blusa branca.

— Mas primeiro tem de me contar o que aconteceu. Toda a verdade.

Anna considerou durante alguns instantes, cedendo por fim.

— Já sei quem matou o meu marido.

— Quem? — senti o coração a pulsar violentamente no meu peito. Assim que ela contasse a verdade, seria livre. Era o primeiro passo para melhorar.

Antes de responder, organizou os pensamentos.

— Quando cheguei a casa, ele estava estendido no chão, coberto de sangue. A pistola fora deixada ao lado dele. E eu só lhe peguei para me proteger. O assassino podia ainda estar ali! — exclamou, abrindo muito os olhos.

O luar entrava tenuemente no quarto, iluminando o colar de ouro de Anna.

— Então foste condenada por um crime que não cometeste?

Engoli em seco. Anna não era como os outros pacientes. Anna era tão sã quanto eu!

— Sim! — exclamou ela, erguendo-se. A cadeira arrastou no chão. — É isso que te tenho estado a dizer. É como tu e a tua mãe.

— Como assim? — quis saber, sentindo o peso do sobrolho.

— Tu também não mataste a tua mãe!

— Anna, eu perdi a minha mãe quando era muito nova. Ela era doente…

Tentei controlar-me, mas aquele era um ponto sensível. A raiva incendiou-me o corpo e tive de cerrar os punhos. Uma psicóloga não pode perder a cabeça.

— Calma, como é que sabes em relação à minha mãe? — questionei.

Anna sentou-se, sorrindo para mim.

— Tu contaste-me quando eu cheguei aqui. Não te lembras?

— Não… Nunca contei a ninguém que a minha mãe morreu cedo, nem que tinha problemas mentais.

— Mas toda a gente sabe — disse Anna, apontando para a porta, onde o guarda continuava a observar-nos.

Olhei na mesma direção. Não era possível que eles soubessem.

— Não importa! — exclamou ela, captando a minha atenção. — Deixa-me ser eu agora! Boa noite, estou aqui para a ajudar — disse, estendendo a mão para eu apertar.

Mas não o fiz.

— Não, Anna. O teu lugar não é aqui! Tu não mataste o teu marido — afirmei, ficando de pé. Falei num tom intenso e determinado. — Vou ajudar-te a escapar.

Foi esse o último pensamento que me lembro de ter. Agora terei de viver para sempre com a decisão que tomei. Em breve, o guarda vai entrar no quarto e perceber que Anna desapareceu! Fui eu quem a ajudou a escapar.

Olhei para a esquerda, vendo a porta a abrir com violência. Além dos guardas, havia enfermeiras e uma mulher com quem já havia falado, mas cujo nome não me recordava.

— Caroline! O que foste fazer? — perguntou ela, desesperada.

— Tinha de o fazer! — exclamei, erguendo as mãos cobertas de sangue. — A Anna não pertencia aqui. Ela não matou o marido!

No instante seguinte, os guardas restringiam os meus movimentos, prendendo-me. Mas não me importei. A vida de uma pessoa inocente era mais importante do que um processo qualquer a manchar o meu currículo.

~

— O que tem a dizer, doutora Jones?

A mulher abanou a cabeça, ainda chocada com o que vira. Os dedos tremiam-lhe. Estava sentada no gabinete do diretor Anderson, um homem austero e assertivo na forma como geria o hospital psiquiátrico.

— Diretor… Pensei que as podia ajudar. A forma como interagem comigo nas consultas fez-me querer que seria benéfico para elas se falassem uma com a outra.

— Fingindo que eram psicóloga e paciente? — interrogou, incrédulo.

A sua voz fez estremecer a doutora.

— Sim — disse ela, tentando que a voz não tremesse. — Demos-lhes roupas normais e até cadernos para fingirem que estavam a trabalhar um caso clínico.

— E houve algum tipo de melhoria?

A doutora abriu os olhos.

— Na verdade, sim! — exclamou, inclinando o corpo para a frente. — A princípio. Começaram a falar mais comigo nas sessões. Penso que isso se deveu ao facto de antes terem tido a liberdade de partilhar uma com a outra.

O diretor suspirou.

A doutora Jones fechou os olhos, levando as mãos à cabeça. No meio das sombras, podia ver vividamente a imagem da sua paciente Caroline a matar Anna, batendo com a sua cabeça na mesa onde as duas fingiam ser psicóloga e paciente. Enquanto o fazia, Caroline gritava:

— Corre, Anna! Não olhes para trás! Tu não mataste o teu marido. Estás finalmente livre.

Joana D’arca